



2.ª SÉRIE

N.º 902

Ilustração Portuguesa

2
Junho
1923

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

Redação, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 49—LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHÁ: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00
Ano 52\$00 — COLÓNIAS PORTUGUEZAS :
Semestre 28\$50. Ano 57\$00. — ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.



As pessoas que visitam Londres encon-
tram no Hotel Cecil justamente o que es-
peram encontrar de um dos hotéis de maior
fama do mundo: Todos os confortos e co-
sinha esmerada. Serviço feito sem ruído e
sem incomodos. Distinção e alegria.

O Hotel Cecil está magnificamente si-
tuado exactamente no centro de Londres,
frente ao rio Tamisa, bem colocado, por
consequencia, quer para tratar de negocios
quer para divertimentos. Tem grandes sa-
lões de jantar, *grill rooms*, salões aparen-
temente completos emfim, todas as com-
odidades previstas e necessarias em um
hotel moderno.

HOTEL CECIL

LONDON

Bebam Agua DE S. MARÇAL

ELEF. C. 1566



Venda em todas as Pharmacias

Secção Editorial de "O Seculo,"

Enciclopedia Popular Ilustrada Porque, como e para que

Colecção de romances ilustrados

Pedidos á administração de O SÉCULO

A' verda nos logares do costume

“VITAMINA,”

Alimento biológico completo

“VITAMINA,”

é indispensavel á todos os que conso-
mem alimentos esterilizados (leite,
farinhas, conservas, etc.), por conse-
quencia privados das vitaminas ne-
cessarias á sua assimilação

Estab leem ntos ALVARO CAMPOS

Séde—R. Garrett, 103-1.º—Lisboa
Filial—R. Sá da Bandeira, 90-1.º
PORTO

Damião & C.^a

Especialidade em fatos, vestidos
e chapéus para crianças

57, R. GARRETT, 59
LISBOA
Telefone 2940

Aguas da Fonte Santa

DE

Monfortinho

São as mais gazo-azotadas, exige-
nada natur es, fortemente radio-acti-
vas, silicatadas e si icicas, doreticas,
purissimas e delicios as, como aguas
de mesa.

DEPOSITO GERAL

Funchália

VIEIRA & LOP. S. L.^a

Largo Calhariz, 5 e 6
Telefone 1242 C.

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dôr corôas
d'ouro, dentes sem placa.

R. EUGENIO DOS SANTOS, 35. 1.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
—EM TODOS OS GENEROS—

Fazem-se nas oficinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Rua do Seculo, 49 — LISBOA

TODOS OS "SPORTS"



O team representativo do Galiza, que se defrontou, no passado domingo, com a selecção de Lisboa

À esquerda: Os capitães dos dois onzes, Posada e Victor Gonçalves

Os dois grupos representativos da Galiza e de Lisboa alinharam às dezasseis e cinco minutos da tarde, do passado dia 27, no campo do Sporting Club de Portugal, perante uma assistência de muitos milhares de pessoas.

Pouco antes procedera-se á cerimonia da entrega do galhardete por parte de Posada a Victor Gonçalves, tendo-lhe este dado em troca um lindo ramo de flores.

O jogo, que não agradou no conjunto, pois devido ao muito vento pouco assentou, teve, no entanto, fases magnificas, especialmente no segundo tempo.

O primeiro grupo a marcar foi o galego, que conseguiu a sua primeira e unica bola na applicação duma grande penalidade com que foi castigado o team portuguez, por Victor Gonçalves ter tocado a bola com a mão involuntariamente.

Foi com este resultado que terminou a primeira parte, depois dalguns energicos esforços dos nossos avançados para estabelecerem o empate.

No segundo tempo os portuguezes marcaram duas bolas, a primeira por intermedio de João Francisco, avançado centro, que junto das rédes galegas enviou a bola a Crespo, meia esquerda, que lh'a passou novamente, desnortearo assim o guarda-rêde, o que João Francisco aproveitou, *shootando* forte ao canto esquerdo, para obter um esplendido goal.

A segunda bola foi enfiada nas rédes do Galiza por Jaime Gonçalves, que, fugindo, enganou os defezas, e *shootou* ainda longe do goal.

Os dois esplendidos goals portuguezes foram premiados de aplau-

sos demoradissimos, sendo extraordinaria a gritaria do publico ainda acrescida com o barulho ensurdecedor das businas dos automoveis, que os *chauffeurs* faziam tocar desesperadamente, saudando a victoria portugueza.

O team de Lisboa, estava assim constituido:

Francisco Vieira, guarda-rêde; Antonio Pinho e Jorge Vieira, defezas; Fernando de Jesus, Victor Gonçalves (cap.) e Henrique Portela, meias-defezas; Torres Pereira, Jaime Gonçalves, João Francisco, Jesus (respo) e Alberto Augusto, avançados, tendo todos trabalhado com vontade e acerto. Salientaram-se, comtudo, Francisco Vieira, Jorge Vieira, Antonio Pinho, Fernando de Jesus, João Francisco e Crespo, o melhor dos avançados.

O team da Galiza, alinhou da seguinte maneira:

Izidro, guarda-rêde; Juanito e Sasarin, defezas; Viñas, Balbino e Esteves, meias-defezas; Reigosa, Ramon, Posada (cap.), Polo e Pinilla.

Destes jogadores, os melhores foram:

Balbino, Reigosa, Ramon, Posada, Pinilla e Polo, este ultimo um tanto impetuoso de mais.

Aliás todo o grupo galego provocou um jogo violento e duro, do que alguns dos nossos jogadores, e em especial Alberto Augusto, se ressentiram.

Luiz Rebelo da Silva procurou ser imparcial, não tendo, comtudo, agradado a sua arbitragem.

Os cargos de juizes de linha foram bem desempenhados por Simões e Stromp.

D. C.



O onze de Lisboa, que obteve uma brilhante victoria sobre o onze galego

(Clichés Sa'gado.)

Alva Poetica

SAUDAÇÃO A' BANDEIRA

Para os dois irmãosinhos Artur
e Carmen Rufino, com muito
afecto e simpatia

Marcial

CANTO

Ban - dei - ra de Por - tu - gal, de

PIANO

nos-so jar-dim em flor, co - mo és lin-da! és i - mor -

- tal, Ban - - dei - ra do nos - so a - - mor.

Versos de Oliveira Cabral
Musica de Estefania Cabreira
Desenho de Antonio Carneiro

I

Bandeira de Portugal,
de nosso jardim em flor,
como és linda! és imortal!
Bandeira do nosso amor.

II

Meu país, minha paixão,
por Ti, chelo de a'egria,
todo o meu sangue daria,
dar a o meu coração.

III

Os nossos coraçõezinhos,
ó Bandeira, sentem bem
que és o amor da nossa mãe
e dos nossos irmãozinhos.

V

E por isso és imortal,
Bandeira do nosso amor,
do nosso afecto maior,
Bandeira de Portugal.





A MANEIRA DE RESPIRAR CONTRIBUE PARA A BELEZA FEMININA

Exceptuando as cantoras de profissão que aprendem a respirar, não há uma única mulher, em cada cem, que o saiba fazer e, no entanto, essa sciencia é tão essencial para a beleza como para a saúde; uma respiração funda dá vida e animação, condições importantíssimas para o encanto feminino. A sciencia de respirar adquire-se facilmente, mas é preciso seguir regras e submeter-se a varios exercicios.

Se não respirarmos convenientemente chegará uma ocasião em que falta o oxigenio ao nosso organismo e sem sufficiente oxigenio não se pode ter uma pele transparente e limpa, olhos brilhantes, uma figura bem desenvolvida. Os pulmões são para o corpo o que as janelas são para uma casa — os transmissores de ar fresco — e, exactamente como não se pode arejar convenientemente uma casa se se abrir apenas uma grelha das janelas, assim também não se poderá dar uma provisão sufficiente de oxigenio aos pulmões, a não ser que se respire profundamente, não só por uns minutos de manhã, enquanto se faz a gymnastica matutina a que se entregam as mulheres cuidadosas da sua saúde, mas durante o dia inteiro e por toda a vida.

Para encher e esvaziar os pulmões é necessario ter a cabeça direita, metendo o queixo para dentro, o peito dilatado, os hombros reclinados e caídos, o pescoço deitado para traz e tentar manter sempre esta posição quer andando, estando de pé ou sentada.

O seguinte exercicio, quando feito diariamente, umas duas ou tres vezes, por cinco minutos, será de grande auxilio para nos habilitarmos a respirar bem:

Colocamo-nos contra a parede de um quarto que tenha as janelas abertas, deixamos que a nuca, os hombros, cotovelos e calcandoures toquem na parede e inhalamos o ar profundamente, através as narinas com muita lentidão, retendo-o por uns segundos, depois exalamos-o, não em expirações curtas e abruptas, mas vagorosa e gradualmente.

Quando se trate de senhoras e meninas deve-se é preciso haver criterio na duração e forma de executar o exercicio, evitando fadiga as principiantes e fazendo-as realizar os movimentos respiratorios deitadas de costas, ao comprido no chão, caso se cansem por estar de pé.

ÉTAGERE TRABALHADA

Os moveis estão carissimos, mas com o auxilio de caixotes velhos e das mil e uma artes femininas facilmente se arranjam lindas coisas.

Hoje vou descrever tres moveis de escritorio: uma etagère, quatro suportes, uma tabua em cima com uma frontaria larga, em baixo uma prateleira com um resguardo também al-

to e no meio duas prateleiras vulgares; na frontaria prega-se uma cercadura de bronze dourado e trabalhado, no resguardo uns arabescos e uma cabeça de gato ou de cão no meio, aos lados dois grandes pregos dourados.

A secretária: uma mesa vulgar, com duas pequenas gavetas aos lados, ornamentadas em bronze, e a mesa recoberta de marroquim.

Uma cadeira de braços, tendo igualmente os braços e o rebordo em volta da cadeira enfeitada por uma cercadura de bronze.

O QUE CONVEM AOS PRINCIPAES LEGUMES E O QUE OS PREJUDICA

A baterraba dá-se bem nos solos argillo-siliciosos ou argilo-calcareos; é prejudicada especialmente pelos terrenos humidos e pelas terras vegetaes; o estrume palhado fá-la vir rachada, precisa de um adubo decomposto e de uma terra que tenha sido antecipadamente bem desterroada até uma grande profundidade; o que melhor lhe convem como adubo é sulfato de potassio e o nitrato de sodio.

A cenoura gosta de solos leves, bem surribados e ricos, sem estrume palhado e sem pedras que a fendam; não deve ser semeada no mesmo sitio senão com intervalos de tres anos; aprez-lhe o estrume meio decomposto, o nitrato de sodio, o superfosfato de ossos, as escorias, e o sulfato de potassio; segue-se com bom resultado ao tomate e ao feijão.

O aipo prefere os terrenos frescos e surribados, bem adubados; é uma planta que esgota muito o terreno e portanto só deve voltar ao mesmo sitio depois de um intervalo de tres anos, dá-se bem com a terra vegetal; segue-se com proveito ao alho, á cebola e aos rabanetes.

A chicoria é uma planta que fatiga pouco o terreno; precisa de uma boa terra de jardim, rica de humus e gosta de regas de adubo liquido. Segue-se com exito ás cenouras, alcaxofras, cebolas, morangueiros, tomates e espinafres.

A chicorea selvagem gosta de todos os terrenos, excepto os humidos; pôde ficar dois ou tres anos no mesmo sitio, mas depois é necessario dar um intervalo de quatro anos. Convem-lhe um estrume antigo e prejudica-a o palhado.

CALENDARIO DA SEMANA

Junho—30 dias

- 3 — Domingo — S. Cicilio.
- 4 — Segunda-feira — S. Fancisco Caracisto.
- 5 — Terça-feira — S. Marciano.
- 6 — Quarta-feira — S. Norberto.
- 7 — Quinta-feira — S. Roberto.
- 8 — Sexta-feira — Coração de Jesus.
- 9 — Sabado — S. S. Primo.

A BORLA BONECA

A moda, sempre fantasista decretou os cintos terminando na borla boneca. Como todos os caprichos dessa dama atingem imediatamente preços fabulosos, parece-me interessante dar algumas indicações como fazer estes cintos que são fáceis de executar.



O cinto faz-se de um cordão grosso condizendo com a cor do vestido. A boneca consta apenas da cabeça e busto que se veste segundo a fantasia de cada um.

A saia é curta e de folhos.

Confecciona-se uma borla muito comprida; o cartão em que se enrolam os fios devem ter pelo menos palmo e meio. A parte superior, depois de atada, é metida por debaixo da saia e cozida de forma a que em sobreposição dos folhos encubra os pontos.

A boneca tem de ter cabeleira e é ainda mais conveniente se se pentear com um laço, afim de se prender com mais segurança ao cordão que forma o cinto.

Na ponta que segura a boneca prega-se, dissimulando-a, uma mola, onde vem abotoar a outra ponta...

mulando-a, uma mola, onde vem abotoar a outra ponta...

BOLO RUSSO

O peso de seis ovos em manteiga, em assucar e em farinha, 3 colheres de chá de *baking powder*, um pouco de leite.

Batem-se até ficar em creme a manteiga e o assucar, mistura-se o *baking powder* com a farinha e peneira-se para dentro do creme. Batem-se os ovos, juntando-os ao polme e se ficar duro demais deita-se o leite. Bate-se por cinco minutos e divide-se em duas parte. Deixa-se a uma das porções a sua cor natural, na outra põe-se cochinilha. Cose-se em taboleiros compridos num forno pouco quente, deixa-se arrefecer e depois corta-se em fatias grossas que se cobrem com pasta de amendoa.

A pasta faz-se pisando muito bem 500 gramas de amendoa e misturando com 250 gramas de assucar. Bate-se a clara de um ovo em castelo e deita-se 1 colher de chá de gelatina. Se a pasta ficar seca de mais

junta-se-lhe mais clara, mas com cuidado e vagarosamente. Estende-se a pasta com uma faca de prata que se molha em água fria para a conservar liza.

PARA FAZER CRESCER O CABELO

Não ha nada melhor para fazer crescer o cabelo do que borato de sodio puro. E' perfeitamente inofensivo e dá uma vida intensa á raíz dos cabelos. Dissolve-se o borato em água morna e lava-se bem o casco.

O SACO BRACELETE

Como é muito aborrecido levar a bailes saquinhos de mão, lembro-lhes que aproveitem a original idéa que a minha gravura apresenta. Como veem, esta engenhosa invenção, alem de não ser banal, reúne comodidade e



beleza e para cumulo não é nada difficil de realizar,

Compra-se uma porção destas fitas modernas em que ha todos os tons indefinidamente confundidos, um bocadinho de seda japoneza ou de brocado e faz-se com um desses tecidos uma pulseira que se ajuste perfeitamente ao braço, prendendo-se nela uma pequena "bolsa" em forma de rosinha da mesma fita da pulseira. No olho da flor está dissimulada a mola.

dendo-se nela uma pequena "bolsa" em forma de rosinha da mesma fita da pulseira. No olho da flor está dissimulada a mola.

UM 'ALVITRE PRATICO

Talvez devido á vida agitada que toda a gente leva actualmente, nota-se em especial nas mulheres, um grande enfraquecimento da memoria. Quantas vezes não sentimos pena de não ter tomado uma morada, guardado uma receita, conservado o nome de uma loja.

Seria pois vantajoso que tivéssemos sobre a nossa secretaria, ou junto dela, um cesto que saberíamos embelezar artisticamente com verdura ou qualquer tecido ligeiro, em que fossemos deitando tudo quanto nos apparecesse durante o dia merecendo registo.

De noite, antes de nos retirarmos para o quarto, despejariamos o cesto copiando isto no livro das receitas, inscrevendo aquilo na agenda das moradas, respondendo ás cartas urgentes, etc. Esvaziando metodicamente todas as noites o cesto, como se gastaria pouco tempo. Quantas horas e dinheiro ganho no fim de um ano!

Domingo
Almoço
Bacalhau com espinafre e olho d'Bechamel
Ervilhas guisadas com chouriço
Cacau

Jantar
Puré de alpo
Carne de vaca au gratin
Pombos com macarrão
Charlotte russa

Segunda-feira
Almoço
Batatas de caldeirada
Ostras na casca
Chá e café
Jantar
Caldo de farinha de arroz
Costeletas de porco grelhadas com nabifas
Lingua assada com molho
Omelette de doces

Terça-feira
Almoço
Ervilhas com toucinho
Carne com molho de vitela
Cacau
Jantar
Sopa de gluten
Sonhos de miolos
Cabeça de vitela estofada
Creme de arroz

Quarta-feira
Almoço
Sarda corado com manteiga
Carne em sa'mis
Cacau
Jantar
Sopa de batatas e alhos doces
Salada de mexilhão
Carneiro assado com grelos
Fôfos de castanha

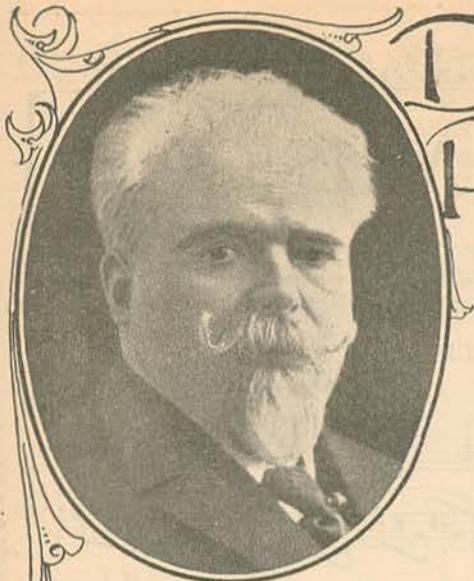
Quinta-feira
Almoço
Linguado de caldeirada
Ovos escalfados com azeitas
Chá e café
Jantar
Sopa de abóbora com leite
Mãosinh's de carneiro com molho de tomate
Frango á caçadora
Queijo de creme

Sexta-feira
Almoço
Feijão branco com ch' spe
Empadão de peixe
Cacau
Jantar
Sopa de peixe
Espetadas de enroladas
Vitela com cebolas
Manjar branco de amendoas

Sabado
Almoço
F'vas com creme
Carnes frias com cou's
Chá e café
Jantar
Sopa de azeitas com ervilhas
Peixe grelhado com filetes de epino
Carne de fricassé
Aletria de ovos

Menus da semana

Duas Patrias



Dr. Antonio José d'Almeida

Presidente da Republica Portuguesa,
autor do prefacio do livro *Duas Patrias*



Dr. Epitacio Pessoa

Presidente da Republica Brasileira,
ao tempo em que se realizou a visita

CRONICA
DA VISITA
AO BRASIL
DO CHEFE
DO ESTADO

LUIZ Derouet acompanhou o sr. Presidente da Republica na sua viagem official ao Brasil e, como era de esperar dos notaveis meritos profissionais que o distinguem e lhe alcançaram de ha muito um brilhante posto na imprensa portugueza, a reportagem por ele realisada constituiu um modelo de minucia, de exactidão, de tacto e de perfeito conhecimento de todos os recursos que garantem o exito jornalístico. Não se contentou, porém, Luiz Derouet com a satisfação de haver exercido a primor o encargo de enviado e correspondente do *Mundo* em tão excepçoes circunstancias. Desde o inicio da viagem, que na historia das nossas relações internacionaes ficará memoravel, o disintissimo jornalista formulou o proposito de organizar a mais completa cronica da visita do chefe do Estado á gloriosa nação brasileira. O volume *Duas Patrias*, amorosamente compilado, reúne tudo quanto pode interessar ao futuro historiador e comentador de um acontecimento que veio contribuir para se estreitarem ainda mais os laços que unem Portugal e Brasil, essa anclada visita mediante a qual nos associámos á celebração do primeiro centenario da independencia politica da mais amada e mais bela das nossas antigas colonias. Luiz Derouet teve o cuidado, desde a primeira hora, de anotar o que quer que fosse que merecesse para sempre memorar-se. E da arguta intelligencia e do escriptulo exemplar com que o fez bem alto fala a obra monumental agora vinda a lume. Porque não exageraremos afirmando que *Duas Patrias* é um livro que vale por um monumento. Nele se nos depaeram, integros e autenticos, todos os magnificos discursos que o sr. dr. Antonio José d'Almeida proferiu no Brasil e, conjunctamente, todos os que em sua honra foram lá proferidos por brasileiros e portuguezes. Nele se nos relatam todos os episodios da viagem, desde a partida ao regresso; todas as homenagens de que foi objecto o insigne chefe da nação portugueza, por parte dos poderes publicos e por banda do povo brasileiro, dos portuguezes

do Brasil e das missões diplomaticas extraordinarias que no Rio de Janeiro se encontravam por motivo das festas centenares. Nele se arquivam as impressões da imprensa de lá e de cá, não poucas firmadas por nomes prestigiosos. Nele se mencionam os resultados praticos immediatos da viagem e se amontoam os melhores e mais valiosos subsidios de varia ordem necessarios para se ajuizar da extraordinaria importancia e do alcance indiscutivel da visita official do sr. dr. Antonio José d'Almeida ao Brasil. Nada escapou ao benemerito organisador, a quem o chefe do Estado deu uma prova de particular apreço prefaciando as *Duas Patrias*, cujo valor assim foi duplicado. Inumeras gravuras illustram o precioso volume que em Portugal e no Brasil será recebido com a sympathia, o interesse e a gratidão que desperta o seu nobilissimo intuito cheio de patriotismo. Luiz Derouet proporcionou aos presentes e aos vindouros o ensejo de esclarecerem sem difficuldade e sem receio de errar sobre o que foi e o que valeu a viagem presidencial á grã nação irmã.

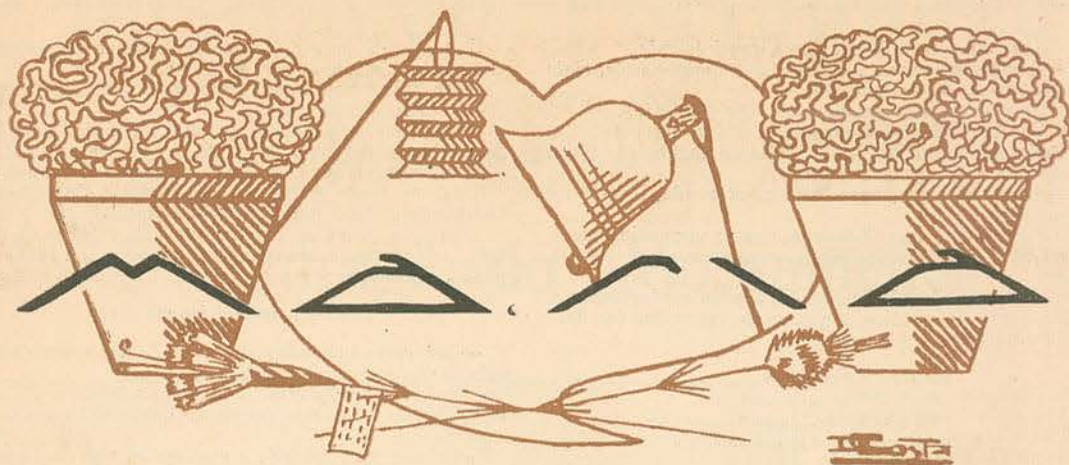
Bem haja por isso!

Em todas as bibliotecas portuguezas e brasileiras deve vir a figurar o soberbo volume. Em todas as legações e nos primarios consulados de Portugal não se dispensará, d'ora avante, um trabalho que é parão do patriotismo dos portuguezes que vivem no Brasil e dos brasileiros que amam Portugal como a sua propria patria. Aquilo que talvez com ellisse ao Estado fazer, executou-o um particular, por sua exclusiva lembrança, por sua iniciativa unica. Luiz Derouet, entregando-se com a proverbial tenacidade do seu espirito, a tal empreza, bem sabia de ante-mão o que esta possuía de profundamente pratico e patriótico. Quem escreve, em seu justo louvor, estas palidas linhas, viu-o na viagem presidencial recoher, sereno, methodico, vigilante, os elementos com que construiu as *Duas Patrias*, e conhece, de visu, o esforço enorme que isso representa, completado, em curtos mezes, com a excelente impressão da obra.



Luiz Derouet

Mendels hn



AFASTADA* de Coimbra umas quatro ou cinco leguas, a aldeia é pequena como um brinquedo de creanças: uma duzia de casas, algumas choupanas espalhadas e depois, a perder de vista, os campos verdes e luzidios de varios tons, ora claros ora sombrios, mas sempre lindos. As hastes do milho, bastas e enfolhadas, rumorejam, agitadas pela brisa; mais além balouçam-se os sobreiros e os salgueiros, por cujos troncos as vides trepam em abraços amorosos e as arvores de fruto embalsamam a atmosfera com o seu bafo perfumado....

Junto de um enorme castanheiro ergue-se uma pequena casa abarracada que apenas pela sua singeleza, como que «garridice natural», se torna notada do viajero despreocupado. Emoldura-lhe, a madre-silva, tanto a porta como as janelas, a herva miuda, rasteira, levemente orvalhada, rodeia-a de fofos tapetes e, dos lados, sebes vivas de malvarosa, cravinas e lucia-lima, alindam-na com suas cores e concorrem para ainda mais perfumar o ambiente.

Serão 6 horas. E eis que á janela assoma a cabeça loura duma bela rapariga, cujos olhos expressivos, dum azul purissimo, prescrutam curiosos o carreiro que conduz á aldeia.

Mas logo, de dentro, uma voz se ouve, que lhe pergunta:

—Então, Maria, não vais?

—Vou já, meu pae, vou já.

A janela fechou-se e, aberta a porta, a moça assomou, alta e esbelta, trajando pesada saia de burel. O tronco, muito apertado num colete de veludo preto, curto e sem mangas, deixando ver o tufo da camisa. Sobre o seio as pontas dum lenço de ramagem.

Contra o costume das moças da terra não levava lenço na cabeça: duas grossas tranças, desciam-lhe até á cinta. Segurava, no braço, um pequeno cabaz.

—Fechada, sobre ela, a porta, encaminhou-se, a passo rapido, para a aldeia e havia já percorrido quasi todo o carreiro quando, de repente, parou, fazendo-se mais vermelha que as papoulas suas irmãs.

No cotovelo que descrevia esse carreiro, alguém se lhe deparara, que a saudou, sorridente:

—Bom dia, Maria!...

Ao que ela respondeu:

—Deus te salve, Eduardo...

E logo ele de lhe perguntar, qual se pela resposta estivera ansioso:

—Então já consideraste bem naquilo que ontem te disse?

—Ontem mesmo considerei e ontem mesmo te respondi...

—E' que não me queres como eu te quero, Maria!

—Parece-te?!... E tudo porque me dizes para fugir contigo para o Brasil e deixar o meu pobre pae, para ahí, a estalar de desgosto e de vergonha! Nesse caso,

sou eu que te digo: Eduardo, tu é que não me queres como eu te quero!

—Somos pobres... Se vou para o Brasil é para trabalhar... ter muito dinheiro... O meu maior desejo é manter-te regalada, como uma fidalga!...

Ela sorriu com tristeza e voltou:

—Meus paes foram sempre muito pobres... E, tão amigos, que minha santa mãe vae em tres anos que Nosso Senhor a levou e o pae ainda não se passou um dia sem chorar por ela... Se nada se opõe ao nosso casamento, para que fugirmos?... procurarmos terras alheias? Casa já, se pena tens de me deixar e mais tarde nos iremos... E, se não queres assim, vae tu sóinho que eu, por mim, te juro esperar por ti!

Ele ia para lhe observar o quer que fosse, mas Maria insistiu:

«Ouve tu bem, Eduardo: só a morte me faria faltar a este juramento, porque te quero só a ti; nem nunca quiz outro!»

A este seu dizer, com lagrimas na voz, voltou ele:

—Tens razão... Perdoa-me... E's um anjo! Não faças caso do que te disse ontem, pois foi tudo filho do muito que também te quero!... O que lá vae, lá vae! Nunca mais te lembres disso, peço-te. Sim, esperarás por mim. Demorar-me-hei o menos possivel e, quando voltar, seremos felizes!...

—Como as tuas palavras me fazem bem! E, agora, adeus, Eduardo. Vae á tua vida, que eu vou á minha. Não te esqueças do meu cravo, que é, hoje, dia de S. João...

Noite quente e serena de junho. Durante o dia, rapazes e raparigas tinham enfeitado tudo com mastros e cordas com bandeirolas, lanternas, balões e copinhos de vidro forrados de papel de varias cores. Havia musica, foguetes, fogueiras, bailarico e descantes. O sino da egreja repicava, completando com a sua voz argentina a alegria que ia em todas as almas e em todos os corações.

A' janela da sua casinha, muito arredada da aldeia para que pudesse, mesmo de longe, compartilhar na festa, Maria aguardava o noivo, o qual, por fim, sempre appareceu, alvoroçado:

—Então?! Estou cansado de esperar por ti! Por que não foste, como se tinha combinado?...

—O pae está doente. Mandeí recado ao doutor para que viesse vê-lo...

—Coitado! Mas que tem?

—Vomitos... Umas tonturas que lhe deram de repente e não o deixam sustentar-se nas pernas...

—Não será nada... Logo hoje... Aqui está o cravo que te prometi... Lê o verso, lê...

E, enquanto ela lia:

«Logo hoje... Era a nossa despedida... Abalo amanhã...

—Já?! murmurou Maria, num quasi gemido.
 —Assim é preciso... Quanto mais depressa fôr, mais breve estarei de volta, rico!
 —Os pobres também, às vezes, são felizes!...
 —Cantigas! Sem dinheiro nada se faz, acredita!
 Despediram-se. Ela fazia falta ao doente; ele tinha que se preparar para a viagem.
 —Adeus, Maria, disse-lhe ele, chorando, levo-te no coração!
 —Bem hajás, meu Eduardo, que és para mim, como o sol para as flores: se me faltares, morrerei... Volta breve...
 E fechou a janela, correndo, lavada em lágrimas, a reler, junto da candeia, a quadra do cravo que lhe deixava o noivo:

Eu jurei e tu juraste
 Este amor sempre manter;
 Vou p'la l'nge... não te esqueças
 Que hei d'amar-te até morrer!

Completára um ano, pelo S. João, que o Eduardo abalara, dizendo que ia para o Brasil, em busca de fortuna. A verdade, porém, é que, chegado a Lisboa, de lá mais não saíra. Diziam uns que estava para casar com a filha do patrão; outros, que levava vida desregrada; e, que não mais voltaria à terra, era voz corrente.
 Quanto a Maria, que sabia ela?! Nos primeiros mezes recebera, todas as semanas, carta dele. Depois, foram rareando e as poucas que ainda recebia eram frias e laconicas. Por fim deixara de escrever, ficando sem resposta as que ela, durante muito tempo, insistira em continuar a mandar-lhe.

E o S. João passava e já era véspera do Natal. Em vez do sol radiante, ainda esperançoso, do dia da partida, as trevas e o frio do segundo inverno decorrido com ele ausente... Junto da casinha de Maria tudo era tristeza. A madre-silva pendia murcha, como que carpindo a sua fanada beleza, as sebes eram mortas, agora sem flores, o campo dir-se-ia alagado por lágrimas de saudade dos lindos dias idos...

Dentro, um pequeno leito de ferro pintado de branco e, á cabeceira, uma imagem da Rainha Santa Isabel, com o regaço cheio de rosas, recordando o divino milagre. Do lado direito do leito, um canapé de palhinha, algumas cadeiras e uma mesa de pé de galo. Junto á janela uma cómoda, ostentando duas jarras com flores de papel e, ao centro, debaixo de redoma de vidro, um Menino Jesus.

Deitada no leito, palida e magra como um esqueleto, Maria diz para o pae, que a encara com ternura:

—Que tristeza, meu pae! Faz-me frio no coração... Acenda a luz, sim?

Deu-se pressa, o velho, em satisfazer-lhe o desejo, e, voltando com a candeia que colocou sobre a meza, interrogou-a:

—Como te sentes, agora, minha filha?
 —Melhor, um pouco melhor. Oh! bem haja pelo tanto bem que me quer!

Iluminára-se-lhe, de repente, o olhar e apertando, nas suas, as mãos do pae, prosseguiu:

«Bem haja e bem haja... ele! Ele, que vem ahi!
 —Deliras, minha filha?!
 —Não, pae, não deliro! insisti a doente, num tom de sibilina esperança. Vem ahi... Vou tornar a vê-lo... E, mais baixinho: «A vê-lo, para morrer depois...»
 Fora, os sinos entravam de badalar alegremente, chamando os fieis para a missa do Natal.
 —Ouve-os, ouve-os, pae?... Como na véspera da partida... E, tirando debaixo do travesseiro um cravo de papel, murmurou:

Que hei d'amar-te até morrer!

—Que dizes tu? indagou o velho, cada vez mais convencido de que ela delirava.

—Nada... Tenho irio... Os sinos a tocarem!... Oh meu Deus! trazei-m'o presto... Quero vê-lo antes de morrer...

Como que respondendo a este apêlo, alguém bateu á porta.

—Entre quem é! tiradou o pae de Maria, voltando a cabeça.

Logo a porta se abriu e envolto num varino, entrou um homem que pronto se descobriu, deixando-se reconhecer por Maria e pelo pae os quaes, ambos, soltaram e mesmo brado:

—Eduardo!
 —Sim, minha querida Maria, sou eu!...
 —Bem dizia eu... que vinhas...

Quando cheguei a casa de meu pae, disseram-me que estavas doente... Vim correndo... para te pedir perdão e para te dizer que, apesar de tudo, nunca deixei de pensar em ti... que te quero... só a ti quero!...

Um relampago de alegria passou pelo rosto da moça. Ele abeirou-a e, dobrando-se sobre o leito:

—Felizmente vejo que não estás tão mal como me inculcaram...

—Estou sim... para que te iludir?... Morro... sinto que morro... Oh! é castigo de Deus... por ter duvidado da sua bondade... do teu amor!...

—Não! não! não morrerás! Castigo sim, seria para mim, que te sacrifiquei a loucos sonhos de ambição e a desvarios que nunca a mim proprio perdoaria...

—Mas que eu te perdoo... pelo enorme bem... que me trouxe a tua presença...

O sino novamente começou a badalar, ao longe, na aldeia...

E, como Maria ficasse estatica, apoz as ultimas palavras proferidas, o pai inquiriu, afficto:

—Que tens? sentes-te peor, minha filha?

Ela fez-lhe, então, um sina com a mão para que se aproximasse mais. Obedecendo, quando voltou a erguer o rosto, o velho tinha os olhos rasos de lágrimas.

—Dá-lhe um beijo, Eduardo... disse com a voz embargada pelo pranto.

Por mais que se apressasse em fazê-lo, o noivo de Maria só beijou um cadaver...

Longe, na aldeia, o sino continuava a badalar, festivamente...

MARTHA.

AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

RAINHA DA HUNGRIA

Para a beleza da pele, dando-lhe um aveludado e uma frescura incomparáveis. As senhoras que o usam tem uma pele ideal

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida, 23

LISBOA

Telef. 3641-N

Respostas mediante estampilha. Na provincia de Moçambique quem pretender os productos de Madame Campos dirigir-se-ha a «A PORTUGUEZA» de Santos Rufino Lima, Lourenço Marques

O naufragio do "Mossamedes"



Terceira e quarta em arcações a que o «Salvador Correia» prestou auxílio

A maior parte dos naufragos e suas embarcações eram mulheres e crianças, tendo sido a fotografia obtida no dia 26 de abril, quando as referidas em arcações estavam a 30 o 40 metros do transporte

Primeira embarcação a que o «Salvador Correia» prestou auxílio no dia 26, no alto mar (na oval)

Fotografia tirada mais tarde, já em Porto Alexandre

Segunda embarcação a que o «Salvador Correia» prestou auxílio no dia 26, no alto mar (na oval)

Fotografia tirada no momento em que a referida embarcação se preparava para atracar ao transporte, com mar de bastante vaga



Devido á gentileza do 1.º sargento maquinista do transporte *Salvador Correia*, sr. Augusto Moreira, cabe á *Ilustração* publicar as primeiras fotografias que se relacionam com o tragico naufragio do *Mossamedes*.

Aos valiosos serviços prestados por aquele transporte, no salvamento dos naufragos, já nos referimos com o merecido encarecimento. Recordaremos, em todo o caso, que subiu a 147 o numero desses naufragos.



A. Moreira
1.º sargento

Recolhimento das Meninas Desamparadas, do Porto

UMA BRILHANTE CORRIDA DE BENEFICENCIA



Grupo das 80 recolhidas

Com grande entusiasmo e enorme concorrência realizou-se, no dia 13 do corrente, na Praça da Areosa, Porto, uma brilhante corrida de beneficência, em favor do Recolhimento das Meninas Desamparadas, desta cidade.

Fundado em 15 d'abril de 1809, por D. Francisca de Paula da Conceição Graão e Sousa, esposa do corregedor e chanceler da Relação e Casa do Porto, dr. José Telxela de Sousa, com o fim eminentemente caritativo de dar acolhida a algumas das orfãs da vítima da catastrophe da Ponte das Barcas, occorrida em 29 de março do ano acima referido, quando da invasão franceza, serviu inicialmente de guarida a 11 crianças apenas, o referido Recolhimento, instalado em modestissima casa situada em frente das antigas muralhas da cidade ou, mais precisamente, duma sua entrada, chamada o Postigo do Sol. D'aqui ainda hoje o ser também conhecido pelo Recolhimento de D. Francisca

(sua fundadora) ou Recolhimento do Postigo do Sol.

Desenvolvendo-o com o decorrer dos anos, graças a doações particulares e também officaes, em 1883, o Recolhimento em questão sofreu profunda remodelação, passando a recolher 60 crianças, numero este que, em 1889, foi ainda elevado a 80.

E' das casas de caridade, que de mais simpatias disfrutam na capital do norte e, sem duvida tambem, das



Aspecto da assistência á tourada do dia 13 e uma pega (à esquerda) por occasio da mesma tourada

que mais merecem essas simpatias pelos preciosos serviços que tem prestado sempre, de vido á extrema dedicacão não só dos seus dirigentes, como das professoras e outros empregados, os quaes, no esforço de bem fazer, constantemente tem vindo honrando a benemerita memoria da sua generosa fundadora.

André Moura.



ni é Moura.)

Personalidades em foco



Mr. Wollmar Bostrem

Novo ministro da Suecia, chegado a Lisboa no dia 28 do mez findo



D. Javier Perez de Acevedo

Novo ministro de Cuba, chegado a Lisboa no dia 24



Dr. Carlos Estrada

Embaixador, em Madrid, da Republica Argentina, chegado a Lisboa no dia 23



Dr. Antonio Austregésilo

Ilustre clinico, professor e deputado b-sileiro, membro da Academia de Sciencias, chegado a Lisboa no dia 24



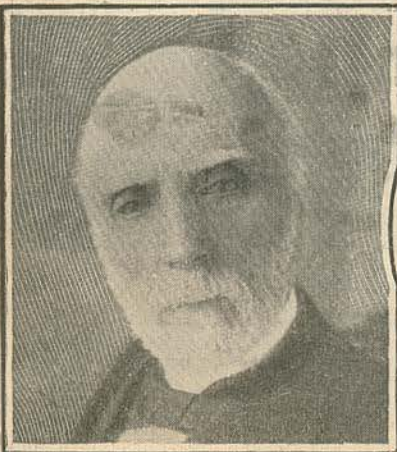
Conde de Castelo de Paiva

Grande proprietario rural e figura politica de destaque no antigo regimen, falecido, o dia 22, no seu solar de Castelo de Paiva



Mr. Robert Williams

Actual hospede do Alto Commissario de Angola, no Lobito, onde se encontra de viagem para Inglaterra



A. r. Charles de Feyci, et

Eminente homem politico francez, antigo presidente do conselho e membro da Academia, falecido no dia 14



Mr. Stanley Baldwin

Nomeado, no dia 22, primeiro ministro britanico, em substituição de Mr. Bonar Law



Professor Toulet

Ilustre homem de sciencia que tem realisado, entre nós, uma interessantissima série de conferencias sobre oceanografia

OS PORTUGUEZES NO BRASIL



O importante capitalista português sr. Manuel Barros Loureiro (1.º, a contar da esquerda) chefe da acreditada firma de S. Paulo (Brasil) Barros & Companhia, acompanhado da sua família, por ocasião da sua chegada a Lisboa, no dia 23 do corrente. Ao lado do recém-chegado vêem-se os seus dois irmãos srs.: Camilo Loureiro, proprietário rural em Mangualda, e José Loureiro, conhecido empresário teatral

UMA RECITA POR AMADORES, EM ALTE

Obteve grande êxito a recita realizada ha d'as, em A' te, por um grupo de amadores, tendo sido representadas, com grande agrado, a comedia em 3 actos *O Tio Padre* e varias canções, poesias, etc.



Interpretes de «O Tio Padre»—1.º plano: D. Constança Alves Vieira, menina Gilberta Pincho e sr. José Graça Mira; 2.º plano: srs. Armando Pereira, Mario e José Alves Vieira.

Interpretes do dueto com coro «Amores saloios»—1.º plano: D. Juliana Duarte Machado, sr. José Alves Vieira e D. Izabel Guerreiro Cavaco; 2.º plano: sr. José Graça Mira,



D. Constança Alves Vieira e sr. Mario Alves Vieira.

Interprete da poesia «Mimi»—A menina Madalena Duarte Pontes.

Sexteto que abriu a recita—1.º plano: srs. Encarnação Madeira, Alfredo Cruz Madeira e José Aguas Renda; 2.º plano: sr. Norberto Machado, D. Aurora da Graça Mira e sr. Izidoro Pontes (regente).

"O Seculo," na Feira de Bruxelas

A iniciativa de *O Seculo* publicando uma edição especial, em francez, de propaganda no estrangeiro, distribuida gratuitamente, em stand proprio, na grande Feira Commercial Official de Bruxelas, que na capital da Belgica se realizou de 9 a 25 de abril ultimo, constituiu um successo inextinguivel.

Essa edição foi considerada o melhor trabalho grafico apparecido no certamen. Profissionais de renome salientaram o facto de em simples papel de jornal se ter feito obra tão perfeita.

Foram tambem distribuidos centenares de numeros da *Illustração Portuguesa*, daquelas cujas capas ou textos propagassem figuras ou aspectos nossos. A nossa revista foi julgada como uma das mais completas no seu genero.

Quanto a nós, a nota mais interessante da iniciativa



Dr. Alves da Veiga

Ilustre ministro de Portugal em Bruxelas

de *O Seculo* foi dada pelo Bureau des Renseignements, montado no stand, e cujos trabalhos praticos foram escritos pelo nosso representante, sr. José Simões Coelho, num relatorio, de que extraimos os seguintes dados:

Como Bureau des Renseignements, o stand do *Seculo* não teve mãos a medir. Foram registados 1:724 pedidos de informações, sendo os principais os seguintes:

Sobre Africa Occidental — 221 pedidos, principalmente de belgas que desejam trabalhar ou iniciar negocios com a provincia de Angola.

Africa Oriental — 18 sobre qual o custo da vida em Louremço Marques e se lá existem bons hotéis, se o clima é higienico, etc. e a Ilha da Madeira — 103 sobre informações turísticas e negocios de vinhos da Madeira, frutas, etc.

Açores — 9, de americanos, sobre facilidades de co-



A entrada do stand de *O Seculo*, vendo-se (da esquerda para a direita) os srs. Domingos de Mendonça, negociante de vinhos do Porto, em Anvers; Cabrita, da casa Bernardino Corrêa & C.^{as}, de Anvers; Bento Abreu, da casa Miguel Abreu, de Anvers; Simões Coelho, representante de *O Seculo*; Joaquim Inácio Carvalho, gerente da casa Bernardino Corrêa & C.^{as}; Silva Neto, negociante de vinhos e sardinhas portuguezes em Bruxelas; Johan Vaetelink, vice-consul de Portugal em Amsterdã; Julio Adão Junior, da casa Pena E. Gonzalez, de Lisboa; Bigas, da casa Grill de Lisboa; Paulo Berger, subd'no belga, nascido em Lisboa e Guerra Mato, director do Bureau de Renseignements du Portugal, em Paris. Sentados: Mmes Silva Neto e Johan Vaetelink e filhos.

A QUEIMA DAS FITAS



Pela primeira vez em Lisboa, realizou-se, este ano, no dia 26, a *ceremonia* que é uso levar a efeito, anualmente, em Coimbra, da «queima das fitas» por parte dos quintanistas que terminam o seu curso. Promoveram-na os alunos da Faculdade de Direito e tomaram parte nela academicos de todas as faculdades, tendo constado do acto da queima, propriamente dito, que se effectuou no Campo dos Martires da Patria, em frente da Faculdade de Direito, e cortejo que percorreu varias ruas da

cidade. Os nossos clichés representam: Um grupo de alunos que tomaram parte na festa. A cerimonia da queima. Os batedores e o primeiro carro do cortejo.

municação entre Ponta Delgada e os Estados Unidos. Continente — Sobre vinhos do Porto, 32; vinhos do centro 17; conservas: sardinhas e atum, 23; frutas, 6; cortiças, 146; lãs do Alemtejo, 6; hotéis de Lisboa, 149; hotéis do Porto, 81; hotéis de Coimbra, 3; Luso e Bussaco, 14; Algarve, 9; caminhos de ferro, 132; viagens para a America do Sul, embarque em Lisboa e no Porto, 275; Praias: Figueira da Foz, 17; Portimão, 8; Granja e Espinho, 14; Moledo, 2; Termas: Curia, 4; Pedras Salgadas, 13; Vidago, 32; Informa-ções bancarias, 215.

Note-se que estes pedidos foram feitos por subditos das seguintes nacionalidades: belgas, 428; francezes, 124; holandezes, 79; suíços, 38; espanhoes, 32; inglezes 14; americanos, 23; noruegueses, 41; dinamarque-

zes, 2; russos, 4; brasileiros, 8; argentinos, 2, e uruguayanos, 5.

O conjunto geral pode ser assim seriado: 1:151 pedidos para exportação e 573 para importação.

Os resultados praticos poderão não ser immediatos, mas podem traduzir-se em futuras proposições de negocios. E' bom acentuar que as informações incidiram principalmente sobre as firmas colaboradoras da edição especial, como, aliás, era justo, mas não nos furtámos a fornecer esclarecimentos sobre muitas outras, porque acima dos interesses particulares do Seculo estavam os interesses geraes de Portugal. Foi esse, aliás, o criterio do nosso jornal, comparecendo na feira de Bruxelas.

Nem outro podia ser.



Feira do Minho

UM NOVO QUADRO DO PINTOR JOAQUIM LOPES

NO salão da Associação Católica do Porto, onde a Sociedade de Belas Artes daquela cidade realizou a

sua exposição anual, expoz o pintor Joaquim Lopes alguns trabalhos seus.

A arte apaixonada e vibrante deste grande pintor, dá uma nota nobilíssima de beleza nesta desorientação, um pouco anarquicante, da vida artística actual. É um conjunto de quadros de pintura clara, de vibrantes harmonias e luminosos efeitos.

Joaquim Lopes alcançou nesta exposição, que não vacilamos de classificar de verdadeiro acontecimento estético, um dos seus maiores triunfos.

Este artista, um dos pintores modernos que melhor tem traduzido o homem e o rincão português, é um dos temperamentos mais perfeitos, mais profundos e completos que se conhecem.

No seu belo quadro *Feira do Minho*, inundado de luz, em pleno meio dia, o seu pincel, tão brilhante como fecundo, robusteceu-se e deu-nos uma maravilha de luminosidade.

É um verdadeiro poema cromático e uma deslum-

bradora interpretação da realidade, através do togo lirismo dum temperamento exclusivamente pictorial.

O mesmo norte indica a trajetória da arte e da vida deste artista. Vai caminhando pela estrada da vida como um iluminado, como um peregrino de beleza, sem sentir desalentos nem amarguras.

Entretanto, tinha direito de se entristecer certas vezes, porque a sua pintura tão poderosamente forte, tão exuberante de luz, deslumbra um pouco os olhos miopes e as miopes inteligências.

Eu creio que uma das causas da discussão da sua obra é a sua inteligência.

Porque este pintor, que é um dos primeiros pintores modernos, e que ocupa um lugar preponderante na arte moderna, é superiormente inteligente e isto é um defeito que muitos não perdoam.

Convencido de que não basta saber pôr na tela alguns tons felizes para ser considerado grande artista, não impede o cérebro de colaborar na sua obra.

As suas figuras e as suas paisagens falam em nome da Natureza e com as mesmas palavras que ela fala.

Porque será que a sua Arte surpreende e assusta tanta gente?

LUIZ CUNHA



«Feira do Minho», quadro de Joaquim Lopes

A travessia aerea Lisboa-Rio

Gago Coutinho e Sacadura Cabral alvo de uma verdadeira consagração em França e em Espanha



Mr. Latecoère

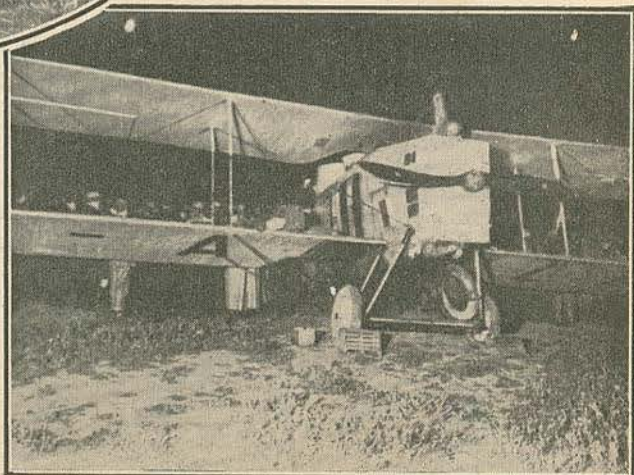
Director da Companhia Latecoère, a que pertencem os aviões que conduziram Gago Coutinho, Sacadura Cabral e o nosso colega do Diário de Notícias, sr. Rocha Junior



A ceia dos aviadores, na messe dos officiaes do aerodromo da Amadora, pouco antes da partida

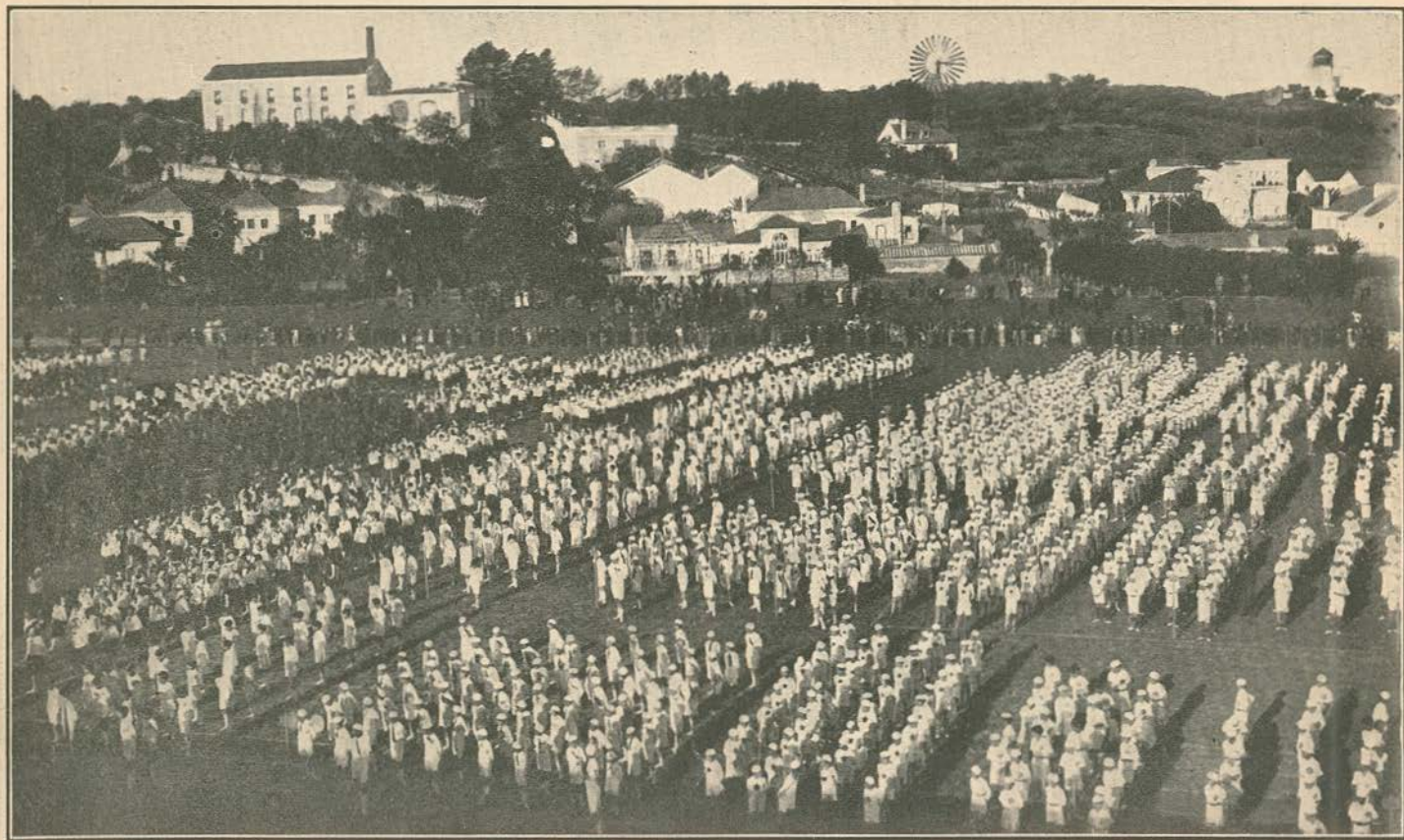
A fim de serem recebidos na Sorbonne, onde se efectuara uma sessão solenne official de homenagem aos gloriosos aviadores portugueses que ha um anno realizaram a travessia aerea Lisboa-Rio de Janeiro, partiram para Paris, na madrugada do dia 29 do mez findo, esses aviadores—Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Apoz a homenagem da França, visitarão a Espanha, onde tambem lhe está preparada uma entusastica recepção.

Assim esse grande feito aeronautico continua recebendo, de todos os paizes, a consagração a que aliás tem sobrado jus.



Os dois aviões francezes que vieram buscar os nossos aviadores, momentos antes de erguerem vôo, cercados pelos inumeros curiosos que assistiram á partida. A' esquerda, os pilotos e mecanicos dos referidos aviões (Clichés Salgado.)

FESTA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA



Um interessante trecho do Stadium onde, no dia 27, perante o Chefe do Estado, representantes do governo e do corpo diplomatico e uma grande massa de povo, prestaram galhardamente as suas provas finais de educação fisica alguns milhares de crianças dos Liceus e diversas escolas de Lisboa (Cliché Salgado.)

OS VENCIDOS DA VIDA



Referindo-nos, no anterior numero da Ilustração, ao falecimento do sr. conde de Sabugosa, lembramos que ficava, desde agora, sendo o unico representante do famoso grupo dos Vencidos da Vida, o grande poeta Guerra Junqueiro. Vem, portanto, a propósito reproduzir esse grupo, tirado em 1888, onde se vêem (da esquerda para a direita): sentados, Carlos Mayer, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão; de pé, marquez de Soveral, conde de Sabugosa, Carlos Lobo d'Avila e Eça de Queiroz; sobre a escada, Guerra Junqueiro, conde d'Arnoso e conde de Ficalho

O CRIME DO CEMITERIO DOS PRAZERES



A urna contendo os restos mortaes do sr. Adolfo Viana, administrador gerente de uma das fabricas da Companhia União Fabril—assassinado, no dia 22, no Cemiterio dos Prazeres—à saída da igreja de S. Domingos, onde esteve depositada até ao dia 24, em que se realizou o funeral. No medalhão, Antonio Canha, o assassino

(Infantil e juvenil)

(Clichés Salgado.)

A EVOCAÇÃO SEISCENTISTA

UMA ENCANTADORA FESTA DE ARTE, ELEGANCIA E BENEFICENCIA

Transferida, por motivo do falecimento do sr. conde de Sabugosa, do dia 21 do mez findo, data para que a annunciáramos, realizou-se no dia 28 essa encantadora festa, em favor da Obra de Santa Joana, que foi a—Evocação Seiscentista.

Já dissemos do que constaria, restando-nos, portanto, apenas frisar que, presidida pelo sr. arcebispo de Metylene, o seu exito foi completo, tanto debaixo do ponto de vista literario, como elegante, como beneficente, não menos de atender. Quanto a este, a sala do Museu do Carmo, artisticamente ornamentada com colchas de Damasco, achava-se repleta, podendo afirmar-se que outras tantas pessoas



desejosas de assistir á festa o não conseguiram, por terem-se esgotado os bilhetes desde muitos dias antes.

O exito literario da Evocação se, sobretudo, coube ao padre Antonio Vieira, com particular brilho interpretado por Brásão, logo apoz se ficou devendo á esplendida conferencia em que Albino Forjaz evocou, com particular brilhantismo, a Lisboa de 1645 e ainda, ao belo discurso, de apresentação do conferente, do sr. Conde de Mafra.

Emfim, do successo propriamente dito «elegante» da festa, poderá fazer-se perfeita idéa sabendo-se que se reuniu, no Mosteiro, a primeira sociedade lisboeta.



A comissão organizadora da festa, constituída pelas sr.^{as} D. Margarida Porto Covo, D. Madalena Martel-Patrício e D. Helena Castelo Melhor

A mesa que presidiu á festa, constituída por duas das referidas damas e o sr. arcebispo de Metylene, na ocasião em que o sr. Conde de Mafra lia o seu discurso de apresentação do conferente, sr. Albino Forjaz de Sampaio

(Clichés Salgado.)

"Estrelas e Azes" do Cinema



Viola Dana,
num dos seus
últimos films
de
aventuras
e
o grande
metteur en
scène D. W.
Griffith



A «Pathé
Consortium
Cinema» filmou
recentemente
a película
que tem obtido
grande
êxito na capi-
tal franceza
sob o tí-
tulo «Deux
amours».

Anita Ste-
wart, grande
artista, cujos
trabalhos
tem sido
extraordina-
riamente bri-
lhantes e por
isso coro dos
maiores
aureos, en-
carregada do
desempenho
dum dos



principaes
papeis do
«film». Anita
Jackson, con-
seguiu fazer
dele uma das
suas melho-
res creações.

—Tambem
conseguiu
despertar in-
teresse no
publico pari-
siense a co-
media dra-
matica, in-
titulada «Le
vol», filmada
sob o romã-

ce do mesmo título de Charles Vavre e Robert Florigni autores de incontestavel talento. Os principaes papeis desta película foram confiados a: Mlle Denise Legeay e Paule Priele e aos srs. Charles Vanel, que o publico de Lisboa, ha pouco, apreciou na interpretação do «film» «A casa misteriosa», e Lucien Dalsace.

—Jack Pickford e Magde Bellamy tem na sua ultima obra, que actualmente se exhibe em Paris sob o nome de «La revanche de Garrison», dois dos seus melhores trabalhos a que toda a imprensa franceza, da especialidade, se tem referido em termos elogiosos.

«La revanche de Garrison» foi editada pela United Artists, que a pode considerar entre as suas melhores produções.

—O cinematografo tem tomado tanto incremento, nestes ultimos tempos, que se tem construido salas de projecção de extraordinarias dimensões e optimas comodidades.

O Capitolio de New-York comporta 5.000 pessoas, podendo estar todas sentadas.

Segue-se-lhe o Gaumont-Palace, onde 4.000 pessoas tomam logar.

São duas salas que se podem classificar de colossaes.

—O excelente artista russo Ivan Mosjoukine e a atriz Madame Lissenko filmaram, recentemente, uma película, a que tem sido tributados os maiores elogios: «Le Brasier ardent».

Mosjoukine é o extraordinario interprete de «A casa misteriosa», que o nosso publico, ha pouco, apreciou.



A graciosa Pearl White que ha pouco deliberou abandonar o cinema, afirmando-se até, que ingressará num convento

FIGURAS & FACTOS

O cavaleiro João Nuncio

No momento de se-lhe dada a alternativa pelo seu colega e amigo Antonio Luiz Lopes, por ocasião da corrida de touros realizada na praça do Campo Pequeno, no domingo, 27 do mez de maio findo



D. Virginia da Silva

Esposa do sr. Felicíssimo Santa Rita, constructor civil, falecida em Lisboa no dia 24 do mez findo.



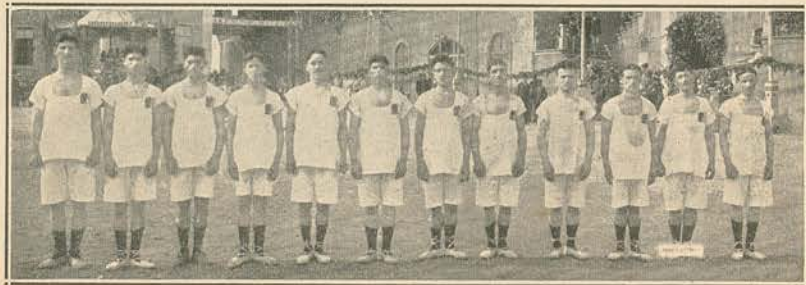
Tenen e Silverio Lebre

Que realison, ha dias, uma notavel conferencia, no Ateneu Commercial, sobre «O Herosismo da Mulher Portuguesa»



Odette Infante Capela

No sa interessante «patricin», na Snow Shower dance, na festa do encerramento do ano lectivo da Chalf's Normal Dancing School, efectuado na Carnegie Hall de Nova York



O «sportsq nosuarteis

A magnifica equipa footballista da 1.ª companhia do batalhão n.º 5 da Guarda Nacional Republicana (Coimbra)

Senhor de Matosinhos

Interessante trecho da popular romaria ao Senhor de Matosinhos, realizada com enorme concorrência de forasteiros nos dias 20, 21 e 22 do mez findo

(Cliché Santos Apostolo.)



Duas vocações musicais

Uma estrangeira e outra portuguesa, Pietro Mezzini, filho de paes italianos, mas nascido em Lyon, em



Pietro Mezzini

12 de dezembro de 1917 esta obteve um verdadeiro successo em Paris, onde lhe chamam o «joven emulo de Mozart». Com pouco mais de 5 annos executou magistralmente ao piano trechos dificeis, taes como a cavatina do Barbeiro de Sevilha, uma sonatina de Clement, etc. Começou a aprender musica em novembro do ano findo.



Beatriz de Souza Santos

Beatriz de Souza Santos, filha do sr. dr. Alfredo de Sousa Simões e neta do velho jornalista sr. Acacio Antunes, natural de Lisboa, contando 10 annos apenas, termina este ano o 3.º anno dos cursos de piano e violino e o 2.º de rudimentos. É a aluna mais nova de Conservatorio de Lisboa.

Dr. Manuel Ferreira de Matos Rosa

Um aspecto da manifestação fúnebre realizada em Sobreira Formosa, por ocasião da traslatação para essa localidade dos restos mortaes do major-medicó e deputado da nação, dr. Matos Rosa, falecido no Porto em 6 de novembro do ano findo

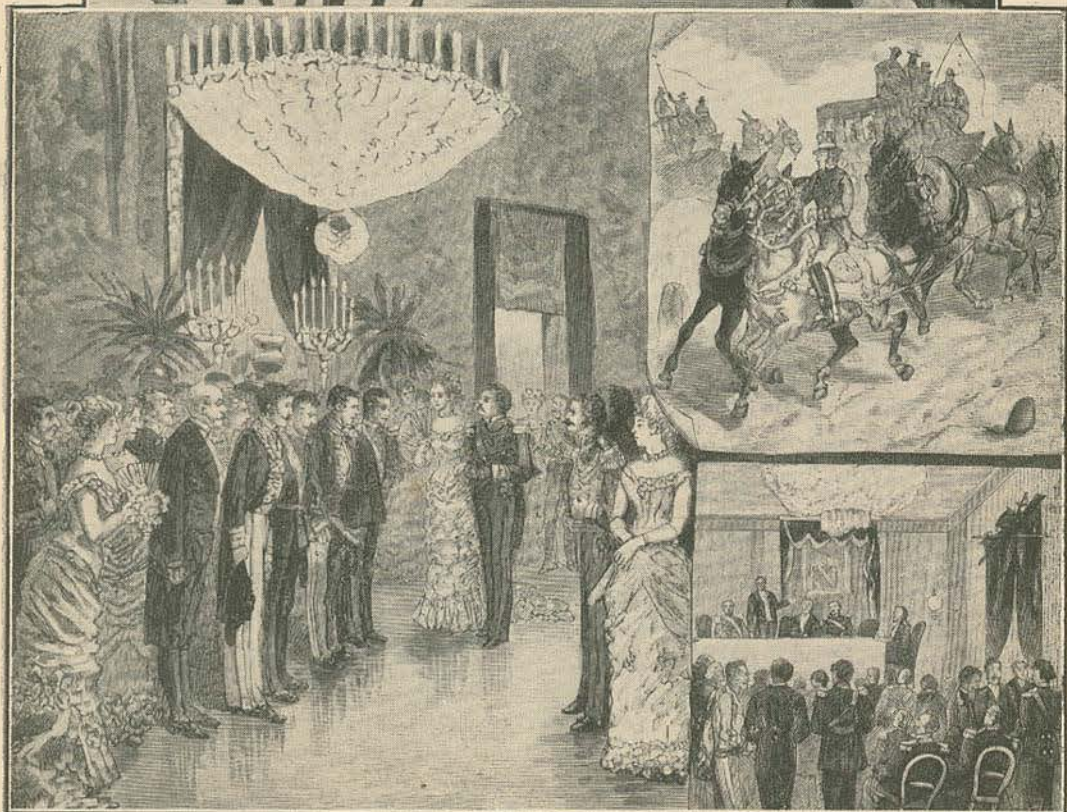


Corrida-infantil por amadores de Santarém

Os jovens destros que, conajudados pelos bandartheiros Luciano Moreira e Tomé da Rocha, tomarão parte na corrida de amanhã, na Praça d'Algis, providenciada pelo Hospital de Jesus Cristo, de Santarém, em beneficio do mesmo hospital

Ha Muitos Anos...

VISITA, A ESPANHA, DOS REIS DE PORTUGAL



Fez 40 anos em 22 de maio findo que seguiram para Madrid, em visita aos soberanos espanhoes, o sr. D. Luiz I e a sr.^a D. Maria Pia de Saboia. O regresso do soberano portuguez realisou-se em 5 de junho, seguindo sua esposa, com seus filhos, que se lhe foram juntar no caminho, para Franca e Italia. Por occasião da estada, em Espanha, dos reis de Portugal, efectuaram-se ali grandes festejos, representando a nossa gravura: 1.^o, a sua chegada a Madrid; 2.^o, o baile no Paço, realizado no dia 28 de maio; 3.^o, a excursão, a Toledo, dos jornalistas portuguezes, que acompanhavam os reis; 4.^o, o sarau no Centro Militar, de Madrid

(O Ocidente, n.^o 162, de 21 de junho de 1883)



“INTRIGAS NO BAIRRO,”

QUAIS foram as novidades teatraes da ultima semana—pregunta o leitor desta pagina, destinada a registar com desfastio as ligeiras impressões de quem procura ver nos espectaculos mais os bastidores do que o palco, mais o lado risonho das peças (todas o teem) do que o lado sisudo. Se, fazendo a pergunta, julga colocar-nos em embaraços, por supôr que taes novidades não houve, engana-se redondamente: houve a dissolução da sociedade artistica do Teatro Nacional, e suas consequencias comicas, houve um manifesto, que ainda não nos chegou á mão, dalguns autores dramaticos amadores contra os criticos, entre os quaes tambem os amadores não faltarão e houve a *reprise* das *Intrigas no bairro*, no teatro de S. Luiz, em festa do actor Alfredo de Sousa, artista que ás vezes nos tem feito rir. Está o leitor a vêr que não faltam as novidades e que das tres apontadas só uma merece verdadeiramente a nossa atenção: as *Intrigas no bairro*, em volta das quais se fêz um silencio suspeito, quicá receio, por parte dos jornalistas tradutores, da possivel concorrência dos maravilhosos originaes portuguezes estreados e estrangulados á nascença, na temporada corrente.

A peça referida filia-se no genero tragico, pois que por vezes o espectro da morte paira entre as personagens, embora não chegue a despedir o golpe final.

Por ela passa um sopro shakespeareano—se assim lhe podemos chamar—e aquele arrepio confrangedor de algumas obras regionalistas portuguezas recentes, assaz obscuras de linguagem e tetricas de intenções.

Luiz de Araujo debate nas *Intrigas* o velho tema de amor, com todo o seu desordenado cortejo, o ciúme levado á ferocidade, a calunia, as blandicias, as juras não cumpridas, as lagrimas, os sorrisos... E juntamente com a paixão amorosa debate ainda a questão politica, numa talentosa combinação de scenas que ora tocam o dramatico, ora roçam pela baixa comedia. Duas mulheres do nosso bom e amoroso povo, uma delas vendedora de sardinha viva da costa, outra vendedora

de frutas, com preferencia pelas melancias, amam o mesmo homem e por ele são requeixadas; o pai da varina, sapateiro do seu estado, professa opiniões politicas diversas das dum visinho, cabo geral da policia, para quem está concertando um par de botas—e, em rapaz, teve culposa inclinação para uma senhora do bairro alto da cidade, resultando do facto nem mais nem menos do que um menino, já soldado de infantaria na ocasião em que o drama se passa e que vem a ser o dito namorado, comum ás duas rivaes supra-mencionadas.

Está o leitor a ver o que uma pessoa de talento—e graças a Deus em todos os tempos elas teem abundado na nossa literatura teatral—pode extrair de taes conflitos: é o incesto prestes a realizar-se, é uma eleição de deputados perdida porque o sapateiro não entrega a tempo as botas ao freguês, é uma lufá interessante de caracteres e de interesses, prendendo o espectador durante dois actos, num *crescendo* de intensidade e de opressão, e, coroando a obra-prima, é o desenlace humano e suavissimo dum parzinho que se vai casar á portugueza, com confeitos, longo e amavel acompanhamento de pessoas de ambos os sexos e um harmonioso *Sol-e-dó* com guitarras, viola e ferrinhos.

Se nos pedirem a nossa opinião sobre as *Intrigas do bairro*, não hesitaremos em dizer que elas são inferiores aos *Lobos*, dos srs. Oliveira e Lage, talvez mesmo á *Farça do ciúme*, do sr. Gaio, mas superiores a outros trabalhos de pessoas altamente cotadas na sua rua e muito consideradas por suas familias. Aplaudimos, sem reservas, as rimas de Luiz Araujo e entregando á publicidade estas notas impressivas julgamos ter, quanto possivel, reparado a injustiça cometida pelos nossos colegas da imprensa diaria, e evitado assim os violentos e picarescos desabafos dalguns amigos que o autor ainda tenha vivos e que se encontrem em talas, por verem as barbas do visinho a arder.

MARIO COSTA.

Iniciativas portuguesas no estrangeiro

OS predicados afectivos da nossa Raça conseguem atrair para o nosso paiz sympathias que não são dadas a outros povos no estrangeiro. E' certo, infelizmente, que Portugal não é bastante conhecido para que tenhamos sempre do nosso lado o aplauso que merecíamos, se outra fuisse a convivencia além fronteiras. Mas as duvidas desaparecem logo, desde que compatriotas nossos provam, nos grandes meios industriaes e commerciaes, possuirem faculdades de trabalho e que, á força de a ele se dedicarem, valendo-se apenas da confiança pessoal que inspiram, criam um logar de destaque entre os homens de negocios e a confiança que só se adquire á custa do esforço proprio e de uma conducta irrepreensivel.

Está nesses casos o nosso dedicado compatriota, sr. Domingos de Mendonça, negociante de vinhos do Porto na Belgica. Estabelecido em Anvers, um dos primeiros portos do mundo e o primeiro belga, com a já celebre casa «AUX CAVES DE PORTO», na Rempart Ste, Cathérine, 51, casa de que é também interessada a firma do Porto, Pereira da Costa, cujas marcas de vinhos de origem são hoje apreciadissimas no estrangeiro, o sr. Domingos de Mendonça é, actualmente, um dos commerciantes estrangeiros de maior nomeada na Belgica. Como alcançou esse exito? Como lhe foi permitido entrar nos grandes centros de economia belga? Como de-

tém em suas mãos a preferéncia para os vinhos da sua especialidade? Tudo da maneira mais simples e que, todavia, denuncia um trabalho de adaptação notabilissima ao ambiente em que as realisações praticas seleccionam aptidões. O sr. Mendonça é um «charmeur».

As suas relações pessoasas na melhor sociedade belga abriam-lhe todas as portas.

Irredutivelmente honesto, atraiu para a sua individualidade as atenções, facilmente dispersivas pelo accumulo de negocios, das mais importantes firmas dos pais.

Patriota em extremo, o sr. Mendonça defende o bom nome de Portugal no estrangeiro, com a convicção de um filho dileto e o desinteresse proprio de um caracter impoluto.



Domingos de Mendonça



Stand da firma portuense Pereira da Costa, na Feira de Bruxelas—1923

SEARA ALHEIA...



ELE — Enganar-me a mim! A mim! A mim!
 ELA — Então?... Também Napoleão foi enganado pela mulher...
 ELE (subitamente acalmado) — Napoleão?... Tens a certeza?...

(De *Le Rire*.)



ELE (à atriz várias vezes divorciada) — Fica, então, combinado que abandonarás o teatro, quando casarmos?...
 ELA — Imediatamente. É o meu costume...

(De *London Opinion*.)



— Anda, repete lá que não ha trovoadas em maio, se és capaz!...

(De *Le Petit Journal*.)



— Está claro que é muito feio! Uma menina bonita não anda sempre a chuchar nesse dedo!
 — Então em qual queres que eu chuche, mamã?...

(De *Le Matin*.)



— Cabe, a V. Ex.^a, a escolha das armas!...
 — Como as manhas estão muito frias, prefiro armas de fogo...

(De *L'Intransigeant*.)



— E que paizes percorreu durante a sua viagem?
 — Não me recordo bem... Como era meu marido quem comprava os bilhetes...

(De *Smart*.)



— Meu avô era um verdadeiro leão! Não tomava parte em nenhuma batalha que não perdesse um braço ou uma perna!...
 — E tomou parte em muitas?
 — Umaz vinte e quatro ou vinte e cinco...

(De *Caricatura*.)

Página

A despeito do vento traiçoeiramente frio, que nos ultimos dias tem soprado por sobre a nossa linda Lisboa, varrendo as ruas de lés a lés com enovelamentos de poeira, as imaginações femininas trabalham activamente no estudo das «toilettes» leves e praticas que d'aqui a algum tempo são imprescindiveis.

Efectivamente esta intempestiva vaga de frio, não é mais do que uma pirraça do tempo, que se diverte a desnortear os espiritos como quasi desnorteia termómetros e barómetros...

Os dias lindos e quentes não tardam e é preciso que a mulher se encontre preparada para os aguarde devidamente provida com «toilettes» adequadas ao verão.

Este ano, desde que se disponha d'um bom gosto indiscutível, não é difficil compôr lindas «toilettes» estivaes, com relativa economia.

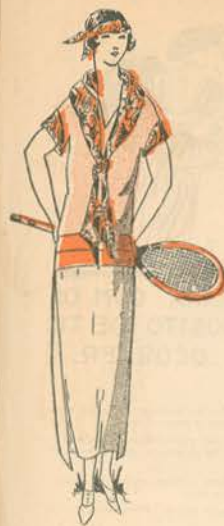
A industria moderna capricha em bem merecer da nossa admiração, e tanto bastou para que as vitrines dos estabelecimentos nos apresentem tecidos d'algodão tão delicadamente trabalhados, tão artisticamente coloridos, que as sedas quasi se sentem despeitadas com a sua perigosa concorrência.

Depois, a moda, como que empenhada em forçar a mulher a exercitar o seu bom gosto, a sua intuição de estesia, faz recair principalmente na escolha e na combinação dos tecidos a responsabilidade do efeito da elegancia da «toilette».

O corte, como é já notório, é d'uma singeleza que quasi roça pela monotomia. As guarnições são d'uma sobriedade encantadora. Finalmente, a estrutura da «toilette» moderna é pouco menos do que uniforme; apenas os tecidos e as côres, na escolha, exigem conhecimentos artisticos, intuição de elegancia e ainda um reconhecido bom gosto, para que o vestido denuncie as faculdades de superior distincção da sua possuidora, marcando nos promenores, n'essas insignificantes minucias que passam desperceidas aos espiritos menos subteis, mas que a mulher verdadeiramente elegante, mais «divinha» do que vê, uma personalidade que se impõe á attenção do vulgo.

Os tecidos d'algodão, que este ano estão em grande favor, principalmente para vestidos de campo e praia, são d'uma beleza rara. Como desenhos e coloridos, nunca como agora a industria se esmerou no aperfeiçoamento; como tecido, também não nos lembra ter visto tanta originalidade, resistencia e diáfaneidade reunidos.

Os «foulards» estão em pleno successo, quer sejam em seda, quer em algodão, e manda a verdade dizer que os ultimos quasi nem se distinguem dos primeiros, visto que não só nos padrões como nos coloridos, uns e outros se nos apresentam semelhantes ao ponto de nos iludirem ao primeiro reparo.



Elegante

A par dos «foulards» veremos também muito o «organdi» moderno, que é caracterizado por uma maleabilidade que de começo não tinha.

Com este tecido compõem-se lindas «toilettes» proprias para passeios nas termas elegantes, para reuniões de tarde e para chás elegantes, sendo grande parte d'esses modelos bordados à mão, a branco, mas havendo o cuidado de reproduzir para este fim desenhos de caracter oriental.

Outro tecido que nos prestará relevantes serviços durante a época das vilegiaturas, é o tecido «éponge» que a moda recomenda para «tailleurs» matinaes e para «petites robes à tout aller...» Este tecido tem a grande vantagem de ser resistente e bonito suportando facilmente repetidas lavagens sem nada perder da sua beleza primitiva.

Mas temos ainda os lindos «crepons» d'algodão, os «marocains» também d'algodão que em côres claras é encantador, as «mousselines», etc.

Emfim, com tal colecção em que a variedade ressalta e a originalidade se afirma, não é possível haver descontentamentos na escolha, a não ser os que a hesitação origina. E' que realmente, escolher uma cousa bonita, entre mil outras cousas por igual bonitas que nos tentam, não é empreza facil...

Mas uma vez feita a escolha do tecido, o resto é de somenos importancia, dada a simplicidade basica da moda actual.

Ha apenas um promenor em que se torna necessario attentar quando se queira compôr uma «toilette» de verão rigorosamente moderna:

As «bertes», esse precioso remate do decote, são quasi imprescindiveis nos vestidos estivaes, e como dão uma incontestavel frescura ao todo, retocando de juventude a «silhouette» feminina, cremos que poucas senhoras ao olharão com desinteresse...

Ese, ao rebuscarmos no fundo de qualquer gaveta onde se acumulam recordações de tempos que passaram, encontrarmos alguns d'esses belos lenços da India legados pelos nossos avós, não hesitemos em desdobrar-os á luz clara que nos banha; a moda achou-lhes uma graciosa applicação, não só guarnecendo os decotes, como formando artisticos cintos e ainda terminando as mangas, quando longas, ou ornamentando os braços, atando-os n'um dos pulsos, quando aquellas são curtas.

E' uma excentricidade? Talvez... Mas, se a moda é, caprichosa...

AGARENA DE LEÃO.





AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

MARINHEIROS DE PORTUGAL, por D. Bernardo Mesquitela

O sr. almirante D. Bernardo da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela) enfeixou, com o título de *Marinheiros de Portugal*, uma série de trinta e quatro deliciosas narrativas inspiradas nos homens e nas cousas do mar e de bordo. O autor, que é um oficial distintíssimo, um espírito de grande cultura e um fidalgo entre cujos maiores figuram algumas das mais gloriosas personalidades da nossa historia,



D. Bernardo Mesquitela

diz-nos que resolveu escrever este livro de episodios da sua vida maritima, no estilo claro e simples em que se encontra escrito, para que o compreendam os humildes a quem é consagrado: os marinheiros, os pescadores. Todas as virtudes que esmaltam os marujos esplendem nas paginas encantadoras do volume, em que ha quadros que enternecem, que entusiasmam, que prendem pelo que possuem de inédito, de colorido, de movimento, de imprevisto, de risinho, pela bondade de alma que de muitos deles escorre, pelos lances heroicos que refere, tudo exposto com uma incomparavel desafectação, em prosa bem portugueza e bem castiça, excluindo arrebiques literarios. Que interessantissimos tipos nos apresenta o almirante! As tradições de outros camaradas, que recolheram tambem em volume as notas mais impressivas da sua carreira, são aqui mantidas por D. Bernardo de Mesquitela com a galhardia que era de esperar. Abrem os *Marinheiros de Portugal* cartas-prefacios de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, exprimindo ambos eles a sua admiração por este belo trabalho e a sua amizade á maruja que lhe forneceu o assunto. «Apontamentos de varios livros de quartos», eis o modesto subtítulo da obra reabilitadora de uma classe até certo ponto, como acentuam Gago Coutinho e o autor, victimas de desvaireamentos politicos, mas sempre leal, dedicada, cheia de abnegação e de sonho, aventureira e capaz das mais estupendas proezas. O volume, ornado de illustrações, é editado pela Portugalia.

DIVINA VOLUPTUOSIDADE, por Jaime Cortezão

A poesia portugueza contemporanea conta em Jaime Cortezão um dos seus mais altos e lidimos representantes. Já o era anteriormente á publicação de *Divina Voluptuosidade*, mas, desde o aparecimento desta admirável serie de «poemas em redondilhas», o autor da *Gloria humilde* fica colocado entre os maiores poetas por-

AMNOEL (Tomar)—O senhor não fez versos; fez uma tralhada incompreensivel. E de mais a mais é tolo.

X. L. (Faro)—As suas quadras são expontaneas e de metrica perfeita. Não é favor o que lhe dizemos, por isso não agradeça.

RIO F. (Lisboa R.)—Isso foi mau othado que lhe deitaram em pequenino. Consulte as bruxas.

L. LARDÃO—Outro a supor que é poeta. Porque não começa por aprender gramatica?

A. S. (Beja)—São ambos maus.

H. B. (Braga)—Não tem que se chocar a sua sensibilidade, tanto mais que a *Princetinha* será publicado. E, a estampilha, cá fica a seu credito, que os tempos não vão para gastos escusados...

CABELOS PRETOS—Porque não lampa em sua propria casa os tapetes? O caso não apresenta dificuldade de maior. Bate-se primeiro muito bem o tapete, se tiver jardim é melhor faze-lo sobre a relva; depois, estende-se no chão e esfrega-se com greda em pó. enrola-se e deixa-se estar assim uns quinze dias. Decorrido esse tempo bate-se de novo, varre-se com uma vassoura molhada em amoníaco e põe-se a secar.—D.

BOM JARDIM.—Para o tratamento da caria e da pedra nos dentes fazem-se gargarejos com uma infusão de s. lva,quina, hortelã-pimenta com clorato de potássio e tintura de alfazema.—D.

A casa onde morreu o Marquez de Pombal

A propósito de nossa reportagem grafica sobre a comemoração de 13 de maio ultimo, inserida no n.º 899 da *Illustração*. Por quem a escreveu nos o sr. dr. Eduardo Teixeira, advogado no Porto e natural de Pombal, nos seguintes termos:

A gravura (desenho extraído do «Occidente», n.º 122) e que é lida com «A esquerda» não é a casa onde faleceu o Marquez mas sim o celeiro, por ele mandado construir, e que ainda hoje existe por elle mente conservado. Não tem nada de comum, pela sua situação local, com a casa onde falleceu o estadista.

A fotografia em redondo, que V. indica com «Em cima» essa lin, essa é que representa a casa onde se deu o falecimento, e que am a a. ou mesmo já se encontra em ruína. Apezar e creança, muitas vezes elle com curiosidade e respeito essa morada, hoje de aspecto misavel, e que justo tra tivesse a consagração e carinhão, ao menos de todos os pombalenses.

A meu ver, V. fará bem em, no proximo numero o da *Illustração* desfazer o equívoco. Acrescentarei ainda a que o celeiro dista, da casa onde se deu o falecimento, a pequena distancia de 15 a 100 metros.

Fica satisfeito o desejo do nosso amavel correspondente, embora com alguma demora, a que a escassez de espaço nos obrigou.

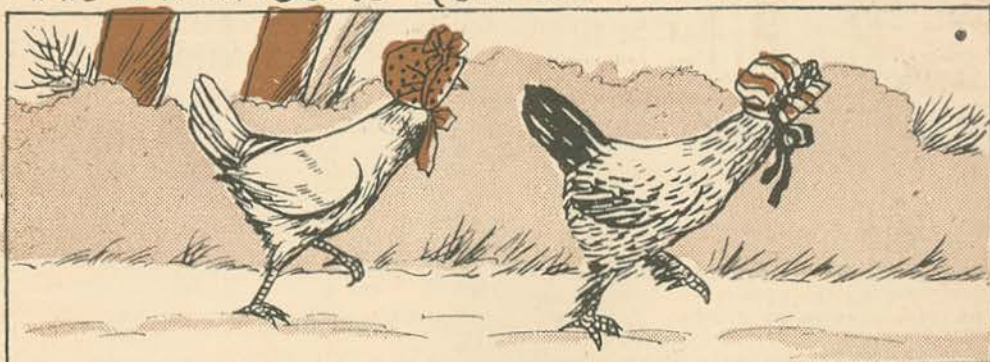
tuquezes de todos os tempos. Conjugam-se nele todas as qualidades, todos os meritos, todas as refulgencias que caracterisam os verdadeiros artistas, os autenticos poetas: inspiração, elegancia verbal, harmonia, esplendor de imagem, opulencia de rimas, sentimento, força emotiva. Não são versos de hon em ou de hoje, são versos de sempre. O amor tem em Jaime Cortezão um maravilhoso interprete e um comentador adoravel das suas belezas espirituais e plasticas. *Divina voluptuosidade* ficará na nossa literatura poetica como uma obra-prima.

A. A.



PAGINA INFANTIL

MAIS MANHOSAS QUE UM RAPOSO



DUAS GALINHAS, A PINTADA E A BRANQUINHA, RESOLVERAM IR À CIDADE FAZER COMPRAS, MAS, COMO VÃO VER TEEM UM MAU ENCONTRO.



—AI, SNR. RAPOSO, NÓS ESTAMOS MUITO MAGRAS, ESPERE POR OUTRAS COMPA. NHEIRAS MAIS GORDINHAS QUE VÊM LA ATRAZ!



E MAL SE VIRAM LIVRES DO RAPOSO CORRERAM A ESCONDER-SE NUM VELHO CAZEBRE



O SNR. RAPOSO QUE TUDO PERCEBEU FOI DESFAZAR-SE PARA VER SE AINDA APANHAVA AS DUAS MANHOSAS.



MAS NISTO APARECE UM FERÓZ POLÍCIA!!!



O RAPOSO SÓFÁ-SE E A BRANQUINHA E A PINTADA SEGUEM EM PAZ O SEU CAMINHO.

